

Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

Edwaldo Costa
(Organizador)



Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

Edwaldo Costa
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Comunicação: meios e mídias no contexto da pós-verdade

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: meios e mídias no contexto da pós-verdade /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-692-8

DOI 10.22533/at.ed.928210601

1. Comunicação. 2. Mídia. I. Costa, Edwaldo
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O e-book “Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade” reúne não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação enseja, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiaticização e conflitos simbólicos presentes nas redes sociais, numa época em que a pós-verdade assume lugar de destaque. A pós-verdade constitui-se como um neologismo cada vez mais usado na compreensão de fenômenos relacionados à percepção de mundo e às novas circularidades de informações/opiniões. Em 2016, o Dicionário Oxford elegeu o termo pós-verdade, ou *post-truth*, como a palavra do ano em língua inglesa. Segundo o dicionário, a expressão indica que a opinião pessoal ou pública é mais suscetível às emoções e crenças preestabelecidas do que aos fatos objetivos. Os textos apresentados nesta coletânea foram produzidos por pesquisadores brasileiros, chilenos, colombianos e espanhóis em resposta às demandas da comunidade científica. Trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre comunicação, jornalismo ético, democracia, produção radiofônica, *clusters*, educação ambiental, cultura, consumo, políticas da vida, controle social, comercial, estratégias de marca, direito a comunicação, liberdade de imprensa, *packaging*, posicionamento de marca, práticas de consumo noticioso, métodos qualitativos, política feminista nas redes sociais, *street papers*, educação inclusiva, cidadania, comunicação ambiental, ressignificação, *fake news*, semiótica e teoria dos atos de fala.

A ideia da coletânea é simples: propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, também esta precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, sabemos o quanto importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora, capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

Prof. Dr. Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

JORNALISMO ÉTICO, LIBERDADE DE EXPRESSÃO E CREDIBILIDADE: DILEMAS DO
PROFISSIONAL DE JORNALISMO NAS MÍDIAS SOCIAIS

Edwaldo Costa

Marcos Simas

DOI 10.22533/at.ed.9282106011

CAPÍTULO 2..... 14

SEMIÓTICA E A TEORIA DOS ATOS DE FALA: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA PARA
O PROBLEMA DAS *FAKE NEWS*

Anderson Vinicius Romanini

Márcia Pinheiro Ohlson

DOI 10.22533/at.ed.9282106012

CAPÍTULO 3..... 24

PARTILHAR COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A CIDADANIA EM
REDE

Márcia Marques

Alzimar Rodrigues Ramalho

Tatyane Mendes Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.9282106013

CAPÍTULO 4..... 35

DERECHO A LA COMUNICACIÓN: UN DERECHO COMPLEJO

Bernardo Alfredo Hernández Umaña

DOI 10.22533/at.ed.9282106014

CAPÍTULO 5..... 42

ENTRAMADO DE PRÁTICAS DE CONSUMO NOTICIOSO ENTRE LOS JÓVENES:
MÉTODOS CUALITATIVOS PARA A RECOLEÇÃO DE DADOS

Constanza Gajardo León

Tabita Moreno Becerra

DOI 10.22533/at.ed.9282106015

CAPÍTULO 6..... 57

ENTRE DICOTOMIAS E SILENCIAMENTOS: O FAZER POLÍTICO FEMINISTA NAS
REDES SOCIAIS

Mayara Larissa Benatti da Silva

DOI 10.22533/at.ed.9282106016

CAPÍTULO 7..... 67

RESSIGNIFICAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: DE “VIVER É A MELHOR CONEXÃO” PARA
“VIVER É A MELHOR CONEXÃO... INTERROMPIDA”, UM ESTUDO DE CASO SOBRE A
REPERCUSSÃO DO FILME PUBLICITÁRIO DA MARCA VIVO

Thiago Silva dos Reis

DOI 10.22533/at.ed.9282106017

CAPÍTULO 8..... 75

DIFERENÇAS CONCEITUAIS SOBRE O CONSUMO NO FILME SEX AND THE CITY E NAS ESTRATÉGIAS DA MARCA ORNA

Julia Corrêa Borges dos Santos

Iris Yae Tomita

DOI 10.22533/at.ed.9282106018

CAPÍTULO 9..... 88

DEPOIS EU É QUE SOU ATRASADA? CONTROLE SOCIAL NO COMERCIAL “AVÓ” DE HAVAIANAS

Carla de Araujo Risso

DOI 10.22533/at.ed.9282106019

CAPÍTULO 10..... 99

EL *PACKAGING* COMO ELEMENTO DE POSICIONAMIENTO DE MARCA EN EL ACEITE DE OLIVA VIRGEN EXTRA *GOURMET*

Alba Merino Cajaraville

DOI 10.22533/at.ed.92821060110

CAPÍTULO 11..... 112

CLUSTER COMUNIDADE DE MEDELLÍN. DO DISCURSO DA GUERRA AO DA COLABORAÇÃO

Mónica Valle

María Teresa Herrera Echavarría

DOI 10.22533/at.ed.92821060111

CAPÍTULO 12..... 122

“JUVENTUDE EM PAUTA”: EXPERIÊNCIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NUM PROGRAMA RADIOFÔNICO

Luiza Tirelli Rehbein

Emy Francielli Lunardi

DOI 10.22533/at.ed.92821060112

CAPÍTULO 13..... 134

ODETE PACHECO, A DESBRAVADORA DO RÁDIO ALAGOANO

Ricardo José Oliveira Ferro

José Wagner Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.92821060113

CAPÍTULO 14..... 144

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS: REFLEXÕES SOBRE CULTURA, IDENTIDADE, CONSUMO E CIDADANIA

Melissa Heberle Diedrich

DOI 10.22533/at.ed.92821060114

CAPÍTULO 15.....	156
OS DESAFIOS NA COMUNICAÇÃO SOBRE ATRIBUTOS AMBIENTAIS E ECONÔMICOS DE PROJETOS DE ENERGIA ELÉTRICA	
Ana Lucia Rodrigues da Silva	
Fernando Amaral de Almeida Prado Junior	
DOI 10.22533/at.ed.92821060115	
CAPÍTULO 16.....	177
OS (DES) CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DO SUJEITO SURDO NA AMAZÔNIA PARAENSE	
Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso	
Paulo Jorge Martins Nunes	
Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.92821060116	
CAPÍTULO 17.....	189
O "STREET PAPER OCAS" NA AVALIAÇÃO DE SEUS LEITORES	
Franklin Larrubia Valverde	
Marília Gomes Ghizzi Godoy	
Rosemari Fagá Viégas	
DOI 10.22533/at.ed.92821060117	
CAPÍTULO 18.....	198
COMA E UTI: POLÍTICAS DA VIDA	
Verusk Arruda Mimura	
DOI 10.22533/at.ed.92821060118	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	208
ÍNDICE REMISSIVO.....	209

CAPÍTULO 14

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS: REFLEXÕES SOBRE CULTURA, IDENTIDADE, CONSUMO E CIDADANIA

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 23/09/2020

Melissa Heberle Diedrich

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul
Lajeado – Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/7652891461883402>

Atualização de artigo originalmente produzido na disciplina “Cultura, Cidadania e Ambiente”, ministrada pelas professoras doutoras Jane M. Mazzarino e Margarita R. G. Mejía, no Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), em 2017.

RESUMO: O presente artigo irá apresentar uma reflexão crítica acerca de conceitos e temáticas atuais atinentes à Comunicação, apoiando a discussão na fundamentação de renomados pesquisadores da área. Assim, primeiramente serão abordadas questões relativas à comunicação e ao jornalismo ambiental, com base em suas relações com a cultura e a identidade. Após, serão apresentados os pressupostos da educomunicação socioambiental e suas contribuições para o exercício da cidadania. Por fim, a alternativa da educação ambiental será apresentada no contexto da globalização e do consumo pós-modernos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Educomunicação. Linguagem. Literatura. Pós-modernidade.

ENVIRONMENTAL COMMUNICATION AND EDUCATION: REFLECTIONS ON CULTURE, IDENTITY, CONSUMPTION AND CITIZENSHIP

ABSTRACT: The present article will present a critical reflection about current concepts and themes related to Communication, supporting the discussion on the foundation of renowned theorists in the area. Thus, first issues related to communication and environmental journalism will be addressed, based on their relationship with culture and identity. Afterwards, the assumptions of socio-environmental educommunication and their contributions to the exercise of citizenship will be presented. Finally, the alternative of environmental education will be presented in the context of postmodern globalization and consumption.

KEYWORDS: Discourse. Educommunication. Language. Literature. Postmodernity.

1 | COMUNICAÇÃO E JORNALISMO AMBIENTAL: RELAÇÕES COM A CULTURA E A IDENTIDADE

A comunicação, ou a forma de compreensão/entendimento entre as pessoas, envolve tudo o que comunica (a internet o jornal, a publicidade, o rádio, as placas, os panfletos, entre muitos outros). A mídia é o lugar de circulação de sentidos, símbolos compartilhados por meio de filtros e mediações infinitos. Nesse contexto, na comunicação ambiental, especificamente, a relação sociedade

e natureza se configura de forma interdisciplinar.

Ao longo da história, os *media* tiveram importante papel na divulgação da agenda ambiental, com projeção internacional. No início, a ecologia era tratada de forma episódica e fragmentada, porém transformou-se em “supertema”. As pautas atuais versam sobre assuntos do cotidiano do cidadão, como coleta seletiva do lixo, desperdício de água, redução do consumo de energia elétrica nos domicílios e uso de combustíveis fósseis nos automóveis (BARROS, 2013, p. 319-320).

O discurso é condicionado por múltiplos atores, conforme a teoria multifatorial da notícia. Assim, a inserção do ambiente nas pautas resulta de relações entre variadas fontes de informação, que representam diferentes interesses (Estado, sociedade civil, movimentos sociais, comunidade científica) uma vez que as necessidades sociais não são homogêneas, fixas, nem seguem leis preestabelecidas, e deve ser entendida como “fenômeno social e culturalmente construído” (BARROS, 2013, p. 320-321).

Aqui se faz necessário contextualizar o conceito de cultura, o qual pode ser considerado como o eixo de interpretação da vida social. A teoria da cultura propõe considerar a análise do contexto, em que a presença de conflitos é fundamental, evidenciando as relações de poder. Dessa forma, o contexto, ou ambiente, representa o lugar e pessoas específicas (o que dizem, o que fazem, o que é feito a elas). Por outro lado, a cultura também pode ser analisada como uma forma de controle, dependente do homem e que gera padrões de comportamento.

A partir do idealismo alemão, a cultura assume o significado moderno de modo de vida. Pluralizando o termo cultura, essa significa diversas formas de vida e não uma “narrativa unilinear da humanidade”. Em vez de dissolver identidades distintas, o pluralismo “as multiplica”. Nesse contexto, a cultura é livre, pressupõe que todas as capacidades humanas podem ser estimuladas e é contra partidarismo. Não é parcial, e é fonte criativa de qualquer ação. A cultura “aparenta ser politicamente neutra”, contudo, é partidária no compromisso com a “multiformidade”. É indiferente em relação a quais faculdades humanas devem ser realizadas, insiste apenas que sejam realizadas de forma harmoniosa (HERDER apud EAGLETON, 2005, p. 24 – 31).

Para Fischer (2011, p.7-8), o conceito de cultura vai crescendo e incorporando novos olhares. Todos os segmentos, em variados momentos históricos, levam à cultura. Assim, a análise cultural tornou-se “relacional, plural e consciente de sua própria historicidade: sua abertura para os momentos históricos” em que é acionada torna-a capaz de criar novos fenômenos epistêmicos. O autor apresenta, neste texto mais contemporâneo, o conceito de cultura negociada (estudos culturais, antropologia simbólica) e a complexidade do conceito.

Assim, cultura é um todo relacional complexo cujas partes não podem ser modificadas sem afetar outras, mediado por formas simbólicas potentes e poderosas cujas multiplicidades e cujo caráter negociado são transformados por posições alternativas, formas organizacionais e o alavancamento de sistemas simbólicos, assim como pelas novas

e emergentes tecnociências, relações biotécnicas e meios de comunicação (FISCHER apud DIEDRICH, 2020).

Nesse contexto, Barros (2013, p.322) pontua que a produção de pesquisas sobre mediação ambiental foi impulsionada pela Cúpula da Terra (Rio 92), pelo Protocolo de Kyoto (1997) e pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (2003 a 2007). “Um dos pontos de maior tensão na relação entre os atores socioambientais é a disputa pelo controle da visibilidade mediática”. A mídia se tornou fonte principal de informação, traduzindo e formando as percepções que as pessoas não experimentam diretamente, em especial por meio da televisão. Na contribuição de Geertz (1989), o que inscrevemos, ou tentamos fazer, não é o discurso social bruto do qual não somos atores e ao qual não temos acesso direto a não ser de forma marginal, mas somente a pequena parte dele que nossos informantes nos levam a entender. Da mesma forma ocorre com a comunicação, pois nunca se compreende um evento totalmente.

Porém, a adesão do público não depende somente dos meios de comunicação, mas sim de uma soma de fatores (conhecimento prévio do assunto, referências) que desencadeiam identidade cultural do receptor e sua formação (SCHMIDT apud BARROS, 2013). Enfim, a identidade é constituída por uma soma de elementos que se fortificam e, assim, depende de diferença. Nas relações sociais, as formas de diferença simbólica e social são estabelecidas por meio de sistemas classificatórios, que aplicam um princípio de diferença a uma população de forma tal que seja capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos. Para compreender por que a identidade é um conceito central é necessário examinar as preocupações contemporâneas, a saber, no contexto global existem preocupações com as identidades nacionais, já no contexto local existem preocupações com a identidade pessoal, como nas relações pessoais (WOODWAR, 2000).

A representação enquanto processo cultural estabelece identidades coletivas e individuais. Discursos e sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais indivíduos podem se posicionar e falar. Por exemplo, as narrativas de telenovelas e a publicidade podem influenciar na construção da identidade, que não pode ser pensada de forma essencialista, mas sim em contexto social. A identidade marca limites, que não são fixos. Não se analisa mais a sociedade por meio de classes, mas por identidades (WOODWAR, 2000).

As relações sociais são mediadas pelas tecnologias mediáticas. Nesse contexto, as redes sociais são elos, ligações. O movimento virtual é organizado a partir de redes sociais com uma causa em comum e afeta a mídia comum por furar a agenda midiática. As ONGs, por exemplo, utilizam as mesmas estratégias da Comunicação.

A internet muda a forma de nos relacionarmos. Assim, o pertencimento à identidade marca as fronteiras da cultura, evidenciando o caráter simbólico da identidade partilhada. Para Castells (2000), a identidade está vinculada à legitimidade do projeto de resistência à tendência de homogeneização, pautado na semente de projetos de mudanças socioculturais.

Barros (2013, p.318) apresenta “o caráter ambíguo da mediatização” como parte da lógica interpretativa que norteia a opinião pública:

Ao mesmo tempo que se trata de um processo social que permite e amplia a visibilidade pública das temáticas, atores, fatores e questões relacionadas ao ambiente, também pode direcionar a cobertura para determinados aspectos que nem sempre favorecem a conscientização pública e a compreensão do cidadão. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando as lógicas mediáticas submetem a agenda ambiental às abordagens sensacionalistas, à espetacularização, à fragmentação e às emissões episódicas e descontextualizadas (BARROS, 2013, p. 341).

Isso evidencia as contradições que se mostram na mídia, referência para o senso comum e da qual as pessoas fazem uso socialmente. Barros acrescenta que existem situações em que parece que todos os veículos são favoráveis às reivindicações ambientalistas e outras que parecem testar a credibilidade e o poder dos movimentos. Essa ambiguidade pode se manifestar quando é transmitida uma mensagem simplificada, consumível, traido a complexidade de sua essência. Além disso, destaca o pressuposto da globalização do ambiente e a formação de redes de entidades voltadas para seus diferentes aspectos, fenômeno apontado como inspiração para a formação de uma agenda ambiental nacional, no Brasil e em Portugal, “países que apresentam em comum um longo período de omissão em relação à formulação e execução de políticas públicas eficazes na área ambiental” (BARROS, 2013, p. 342).

O jornalismo pode ser informativo, interpretativo e opinativo, sendo o espaço jornalístico assediado por diferentes fontes. Girardi et al. (2012) procuram contribuir para a conceituação de jornalismo ambiental, tendo como aporte teórico o pensamento complexo. Apresentam as ideias de que o advento das evidências científicas sobre mudanças ambientais consolidou o ecológico como eixo recorrente da vida contemporânea; de que o número de trabalhos que investigam o jornalismo e o meio ambiente tem crescido; e de que ainda não está demarcada a singularidade do jornalismo ambiental que, para muitos, sugere uma prática engajada, “diferente” do que se convencionou em algumas especializações. Esse engajamento está relacionado à sedução, à experiência midiática que pode levar o receptor a exercer o social, engajado ao mundo.

“O jornalismo ambiental extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente”, procura um conceito que extrapole o do jornalismo científico tradicional, comprometido com uma comunidade científica que privilegia a continuidade de suas pesquisas; que não se confunda com o jornalismo econômico e não se fundamente no jornalismo cultural das elites. Já em relação ao ensino do jornalismo ambiental, “é necessário pensar uma alfabetização ecológica dos jornalistas” (GIRARDI et al., 2012, p. 137-138).

No lugar de uma informação ambiental desconexa, as pessoas precisam ter acesso à informação dos fatores interligados que originam os graves problemas socioambientais.

Sendo o jornalista apresentado como o mediador social por excelência, a pauta jornalística não deve ser aula de ecologia, nem deve ser espetacularizada, mas sim precisa atrair o leitor com chamadas convidativas e fotografias interessantes, explorando os vínculos entre as distintas realidades (GIRARDI et al., 2012).

Em nível nacional, há cerca de 30 anos “a ecologia não participava da agenda jornalística, exceto por poucas iniciativas”. Nesse sentido, os autores mostram percursos para se construir uma prática que oportunize a reflexão sobre a função da informação jornalística, sob a ótica dos temas geradores de Paulo Freire, “que possa dar conta dos desafios que a construção de uma racionalidade ambiental impõe” (GIRARDI et al., 2012, p. 132 e 144.).

É Leff (2006) que apresenta a necessidade de se chegar a uma racionalidade ambiental. Dessa racionalidade partiria uma alteração nas redações, para que o ambiente passasse de exceção à tema transversal jornalístico.

Assim, “o paradigma da complexidade ajuda a pensar a questão ambiental em sua completude”, conexões e tensões:

É dessa compreensão ampla, sistêmica e integrada que deriva a proposta de jornalismo ambiental aqui buscada. Ela está calcada na complexidade, podendo ser assimilada a partir da concepção dos desdobramentos temáticos como geradores de debate (GIRARDI et al., 2012, p. 147).

O jornalismo ambiental usa a mídia para colocar as questões ambientais, com tendências à dramatização e fragmentação. Em relação à ideia de o jornalismo ambiental ter que ser engajado, pode-se analisar que se for feito o jornalismo normal, ele já está engajado. Enfim, a prática do jornalismo ambiental precisa incluir a participação, fazendo com que os cidadãos tenham a oportunidade de serem incorporados na discussão da vida em sociedade, “trazendo luzes para as preocupações ambientais” (GIRARDI et al., p. 149).

2 | EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

De acordo com Backes e Santos (2016, p. 342-343), “a Educomunicação pode ser vista como uma possibilidade de fazer frente a mídias que não dialogam de maneira problematizada a respeito da crise civilizatória e ambiental pela qual a nossa sociedade está passando”. Assim, pode ser uma forma de testar o saber local e fazer com que os “públicos” se relacionem melhor.

A educomunicação socioambiental resulta da soma de propostas da educomunicação e educação ambiental, almejando potencializar processos educativos democráticos/dialogicos por meio do uso de recursos da comunicação para a efetivação de uma sociedade sustentável. Seus principais princípios são interatividade e dialogismo; intermediaticidade e transversalidade; encontro e integração; conhecimento popular

e tradicional; acessibilidade e democratização. Trata-se de “um conceito cunhado recentemente”, definido no documento “Programa de Educomunicação Socioambiental” elaborado pelo Ministério do Meio Ambiente (BATTAINI; MARTIRANI, 2011):

A educomunicação socioambiental foi originada a partir das discussões e encaminhamentos da I Oficina de Comunicação e Educação Ambiental, promovida pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (DEA/MMA) em 2004 (BRASIL apud BATTAINI; MARTIRANI, 2011, p. 101).

Os princípios das intervenções em educomunicação socioambiental desenvolvidas por Battaini e Martirani (2011, p. 100 e 107), com potencial “para auxiliar a formação de cidadãos críticos e atuantes no ambiente no qual estão inseridos” são a participação e o diálogo, “com enfoque no desenvolvimento da expressão, da escrita, da criatividade e da autonomia dos participantes”. Desse modo, a partir dos princípios conceituais e norteadores da educomunicação socioambiental até aqui apresentados, não é difícil inferir que ela pode contribuir e, muito, para a construção da cidadania.

Nesse cenário, Vieira (2001, p. 224), abordando temáticas que incluem o multiculturalismo, as minorias e os paradoxos igualdade e desigualdade, por meio do conceito de cidadania social, aponta que a solidariedade é a fonte do Estado de Bem-estar social, embasada na ideia do Estado comum; contudo, esse não é mais capaz de proteger sua fronteira econômica devido ao fenômeno da migração, da fuga de capitais, do capital volátil, a saber, a globalização da economia ameaça direitos sociais historicamente conquistados. No que tange à identidade, a cidadania é compreendida, de forma tradicional, como cidadania nacional: o cidadão é um homem livre. Porém, em uma nação, a igualdade da cidadania é um ideal, mas as diferenças persistem, afinal, “hoje, a identidade se baseia na ideia de ser, não igual, mas diferente. É o reconhecimento moral, a estima, por parte de outros”.

Conforme Ribeiro (2003, p.399), discutir os temas da cidadania e do ambiente remete a questões de caráter ético, político e do mundo material. Trata-se de permitir que a livre expressão (modo de interpretar e praticar a cidadania) possa ser exercida sobre a base material que sustenta a vida do ser humano. “O desafio consiste na elaboração de uma ética ambiental que permita a livre expressão também no campo da reprodução material da vida”. Nesse sentido, o autor aborda que o capitalismo vai contra a ética ambiental.

A liberdade e livre expressão (cultural, religiosa) devem ser incorporadas à dimensão do cidadão, o que só pode ser exercido quando está garantida a base material da vida, por isso o autor considera direta a relação entre cidadania e ambiente. “Os bens materiais e os alimentos necessários à reprodução da vida humana vêm do ambiente” natural ou produzido. A boa cidadania está associada a se ter qualidade de vida, assim pode-se relacionar ambientalismo com luta pela cidadania. Os ambientalistas, ao proporem a manutenção das condições naturais, colaboram para a construção de um mundo mais

equilibrado na apropriação dos recursos da natureza. Em outras palavras, a cidadania ambiental é representada por um mundo com maior qualidade de vida, que poderá ser experimentado pelas futuras gerações (RIBEIRO, 2003, p. 400).

Nesse sentido, como a educomunicação socioambiental “refere-se ao conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo” (COSTA apud BACKES; SANTOS, 2016, p. 341), configurando-se num “instrumento pedagógico de grande valia para alcançar objetivos da Educação Ambiental que se propõe transformadora” (BACKES; SANTOS, p. 349), ela pode ser legitimada como uma possibilidade de crítica à mídia, constituindo-se num importante instrumento de formação para o efetivo exercício da cidadania.

3 I EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO E DO CONSUMO PÓS-MODERNOS

Barcelos (2003, p. 39) faz “um exercício de diálogo entre a obra literária e a produção de conhecimento, a partir da ideia de que a literatura se constitui em mais uma possibilidade de diálogo com o mundo, na medida em que existe uma relação permanente entre” autor, leitor e sociedade. Toma como referencial teórico as ideias do poeta e ensaísta mexicano Octávio Paz (1914-1998), por sua contribuição fundamental para a compreensão das origens dos problemas contemporâneos, bem como para “a construção de alternativas ao modelo atual de sociedade herdado da modernidade ocidental”. Assim, vê nas ideias pazianas possíveis contribuições para o enfrentamento da crise ecológica nos tempos de pós-modernidade.

Mais recentemente, a globalização produz diferentes resultados em termos de identidade. “A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local” e “de forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade” (WOODWAR, 2000, p. 21). Nesse contexto, Castells (2000) é contra o processo globalizador, defendendo a resistência ao capitalismo, o qual não considera o ambiente. Apresenta o conceito de sociedade em rede, na qual tudo está interligado. Segundo ele, o fundamental é o conhecimento, o capital é a informação.

“Cabe ao Estado-nação a proteção dos direitos básicos dos indivíduos e a promoção de funções econômicas e sociais. A soberania do Estado exclui outros atores, estatais ou comunidade internacional”, todavia, “a soberania nacional começa a perder força”. A globalização está enfraquecendo os Estados nacionais, sua autonomia decisória está cada vez mais restrita, à medida que muitos países não controlam nem sua moeda, com as trocas realizadas em dólar. Essa globalização econômico-financeira, cultural e social

enfraquece o Estado, que não consegue mais garantir direitos, deixando de ser o local base da cidadania (VIEIRA, 2001, p. 221).

Canclini (1999, p.39), abordando a atual questão das seduções do consumo, expressa que as transformações constantes das tecnologias de produção, do desenho de objetos, da comunicação entre sociedades e do que isso gera na ampliação de expectativas e desejos, “tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade étnica ou nacional”. A versão política de se estar contente com o que tem (nacionalismo das décadas de 60 e 70) é vista como último esforço das elites desenvolvimentistas, das classes médias e de alguns movimentos populares para conter, nas fronteiras nacionais, a explosão globalizada das identidades e dos bens de consumo que as diferenciavam.

Nesse contexto, “os objetos por si só são como tábulas rasas: só irão assumir significado e valor dentro de um contexto sociocultural singular”, a saber, a antropologia do consumo procura mostrar em que medida os objetos são peças-chave para a construção da identidade social em todas as épocas e sociedades, demarcando fronteiras, gostos, idades, gerações, estilos de vida e classes, por exemplo. A cultura se materializa nas escolhas e apropriações de bens e estes agem, segundo Mary Douglas, como “pontes ou cercas”, o uso dos objetos incluem/excluem pessoas e acomodam as sociedades em níveis, grupos e camadas. “Logo, as estratificações, as diferenças e fronteiras sociais dão-se através da eleição de determinados bens, do controle e das informações que se tem sobre os mesmos” (OLIVEN; PINHEIRO-MACHADO, 2007, p.7).

Miller (2007, p. 39) considera as consequências de se olhar o consumo por meio das lentes dos estudos de cultura material contemporâneos, uma vez que ela está relacionada aos objetos, ao passo que a imaterial é abstrata, diz respeito aos significados, valores e modos de vida. Segundo o autor, a maior parte dos teóricos que escreveram sobre o consumo parece supor que ele é sinônimo do consumo de massa moderno, considerado mais como um mal do que um bem, uma vez que há pouco reconhecimento do quanto seu crescimento poderia também ser visto como sinônimo de abolição da pobreza ou desejo por desenvolvimento. A crítica do consumo como gasto da cultura material é comum na modernidade e em outros tempos, e “assim como a crítica do consumo precisa ser desfeita por sua postura moral subjacente, o mesmo vale para o apoio ao consumo”. O problema não diz respeito tanto à naturalização do consumo como atividade, mas sim à naturalização do modo de se garantir o consumo (o capitalismo) e à principal forma dessa naturalização (a economia), que traz afirmações “extraordinárias” sobre a relação entre consumidores e capitalismo.

No trabalho de Marx, o consumo envolve gasto dos recursos naturais e sua consequente destruição. A crítica ambientalista poderia ter sido em parte dirigida à destruição dos recursos associados com a produção (impacto da indústria pesada, agroindústria), mas o que ocorre é a identificação da destruição com a postura própria

do consumo: o consumidor eliminando recursos insubstituíveis e a produção vista como “auxiliar secundário ao consumo” (MILLER, 2007, p. 35). A produção do objeto gera trabalho e consumo, mas é preciso se considerar que existem pessoas ao longo da cadeia produção - consumo. Por outro lado, a produção associada com a criatividade, a exemplo do artesanato e das artes, é considerada como a manufatura do valor.

Assim, a cultura material do consumo torna-se o ponto de referência ideal para o contínuo fetichismo da mercadoria na prática de tentar considerar quais transformações em conhecimento e produção são necessárias para fazer os consumidores reconhecerem os produtos que compram como “corporificação do trabalho humano”, a exemplo da escravidão (MILLER, 2007, p. 52).

O consumo representa a ideia dos contrastes, sendo que a própria mídia nos consome. A ideia do “sou o que compro” representa a exibição da identidade e o momento de sociabilidade, podendo impedir relações sociais. Nesse contexto, um bom exemplo é o do celular, produzido de forma universalizada, seguindo o utilitarismo e o fetichismo. Trata-se de um ente, mediador de relações sociais que pode gerar inclusão, criar e envolver cultura. “Consolida-se como um dos grandes artefatos símbolo da contemporaneidade” (SILVA, 2007, p. 1).

Assim, “o consumo de telefones celulares desempenha um papel importante na construção de imaginários, de identidades e do mundo social, as quais dão conta de similaridades e especificidades locais na apropriação de uma tecnologia global”. Afinal, “possuir e usar um celular torna-se uma maneira de *estar no mundo* – mediada pela tecnologia”, característica da cultura contemporânea (SILVA, 2007, p. 14).

Para esse entendimento das questões ecológicas contemporâneas, o ensaísta Octávio Paz fala sobre colocar as diferenças em diálogo, pois é a partir dele que se poderá “inventar” alternativas de intervenção nas questões ecológicas, principalmente via processo educativo, o que se refere, particularmente, a elementos e/ou práticas pedagógicas em educação ambiental na escola. Em vários momentos de sua obra, Paz aposta na cooperação, na fraternidade, na busca de uma relação de proximidade entre os distantes. Aponta, ainda, vários exemplos relevantes para o entendimento das questões ecológicas contemporâneas: aspectos globais e locais da mesma questão; relação entre o artesanal e o industrial; nacionalismos e universalismos culturais; autonomia e dependência; qualitativo e quantitativo; objetivo e subjetivo; desejo/paixão e consciência/razão; a representação do tempo nas suas dimensões passado, presente e futuro, temáticas essas não consideradas como sequência binária, mas uma complexa teia de relações (BARCELOS, 2003, p. 42).

Num primeiro momento, pode parecer que a análise empreendida por Paz sobre as questões ecológicas é pessimista e que ele não acredita em invenção de novos caminhos, o que não é verdade, pois ele não deixa de apresentar alternativas em suas reflexões. Esse autor também se refere à corrente de pensamento ecologista como a grande novidade histórica surgida no século XX, movimento que terá importância análoga ao que

teve o feminismo. Acredita na desconstrução da representação da natureza como uma propriedade, como algo “estúpido e bruto”, e a construção de uma representação onde se possa estabelecer algo que chama de “a fraternidade cósmica, desaparecida com o advento da era moderna” (BARCELOS, 2003, p. 49).

A ideia do diálogo entre os diferentes, contrários ou extremos e do caminho através dos “paradoxos da vida” de que trata Paz pode ser uma saída muito criativa para o repensar de práticas e representações do processo educativo em geral e, em especial, para a busca de novos caminhos para práticas pedagógicas em educação ambiental. Tais “caminhos podem ser construídos através da (re)descoberta do presente”: da procura pela presença do outro, daqueles que estão ao lado, atrás e à frente, mas que desejam estar presentes, descobrindo uma nova forma de solidariedade e criando uma fraternidade que, segundo Paz, “deverá estar baseada muito mais no erotismo” (o corpo sendo tocado por algo, a marcação do corpo gerando a experiência), “na não eternidade, na paz e no amor” (BARCELOS, 2003, p. 52).

Os princípios da educação ambiental convergem com os da educomunicação, apresentada na seção anterior. Além disso, é preciso se entender que a educação ambiental é, antes de mais nada, educação, podendo ser utilizada como uma importante ferramenta cognitiva. Pode representar uma pluralidade de ações pontuais, em que a metodologia do uso do lúdico, da brincadeira carrega ideia do escape como diversão. Os documentos relacionados à educação ambiental contemplam, de forma equilibrada, tanto a sua vertente mais política como a mais poética.

Em uma vertente poética da educação ambiental, Souto et al. (2016, p.195-197) defendem que “a linguagem simples e envolvente dos versos de cordéis pode propiciar maior interação entre” os saberes acadêmico e popular, sendo o Nordeste brasileiro uma região em que a literatura de cordel é muito difundida, constituindo-se, ainda, uma rica fonte “de informação e divertimento para as classes menos favorecidas da sociedade”. O cordel pode ser considerado um instrumento pedagógico de grande valia no ensino de variados assuntos a serem abordados em aula. Também chamado de folheto de época, ele explicita o saber e a ciência popular por meio do registro de comentários, cumprindo “o papel social da linguagem” ao fazer a ponte entre enunciador e enunciatário. Assim, a literatura de cordel “pode se constituir em um interessante material didático” para a educação ambiental, “a ser utilizado em escolas de ciências agrárias e, de modo mais amplo, junto a populações rurais, com o intuito de contribuir para a melhoria da aprendizagem, de forma dinâmica e criativa”. Representa, ainda, a interação entre conhecimento técnico, poesia e musicalidade, despertando nos alunos uma melhor aprendizagem e incentivando a valorização da cultura da região.

Diante do exposto, vê-se que a comunicação apresenta características interdisciplinares por natureza, sendo a Comunicação - Ciências Ambientais uma área interdisciplinar que precisa ser trabalhada a partir do panorama de uma complexidade

sistêmica, na ideia do “tudo junto e misturado”. A própria mídia também é um ator social, que apresenta e representa, sendo o jornalista um ator multimidiático. Nesse sentido, não adianta ter muitas fontes, mas pluralidade de visões, à medida que enxergamos o outro no confronto com a alteridade.

Com essa visão, tanto a educomunicação socioambiental como a educação ambiental podem contribuir para dar visibilidade a um pensamento divergente ao que regula o mercado e a economia na pós-modernidade. Assim, a educação ambiental, com seus princípios convergentes para a educomunicação, pode formar seres mais políticos e poéticos, a partir da produção de experiências sensíveis, com o compromisso de salvar o planeta e em que os negócios e objetivos pessoais estejam direcionados também ao bem do ambiente.

REFERÊNCIAS

BACKES, A.; SANTOS, C. F. Vozes do Arroio Pampa e Peri (Novo Hamburgo/RS): A Educomunicação como proposta pedagógica para a educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental** (Online), v. 11, p. 335 – 353, 2016.

BARCELOS, V.H. Ecologia e Literatura: a contribuição de Octávio Paz à ecologia global e à educação ambiental. **Contrapontos** (Online). Itajaí- SC. v.3, n.1, p. 39-53, 2003.

BARROS, A. T. de. A visibilidade ambiental em perspectiva sociológica: estudo comparado Brasil-Portugal. **Sociologias** (UFRGS). v. 15, p. 318-345, 2013.

BATTAINI, V.; MARTIRANI, L. Pesquisa-ação e contexto escolar: oficinas de educomunicação socioambiental em contexto escolar. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. V. 27, p. 100-114, 2011.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DIEDRICH, M. H. **Topônimos e História Ambiental no Rio Grande do Sul**. 358 f. 2020. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade do Vale do Taquari Univates, Lajeado, 2020.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

FISCHER, M. **Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRARDI et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação e Sociedade**, v. 34, p. 132-152, 2012.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

MILLER, D. **Consumo como cultura material**, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832007000200003&script=sci_arttext>. Acesso em 5 jan. 2017.

OLIVEN, R; PINHEIRO-MACHADO, R. Cultura e mundo dos bens: **Apresentação**, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 5 jan. 2017.

RIBEIRO, W. C. Em busca da qualidade de vida Em: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Orgs). **História da cidadania**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, S. R. 'Eu não vivo sem celular': sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos – SP, Intercom, 2007.

SOUTO et al. Saber acadêmico versus saber popular: a literatura de cordel no ensino de práticas agrícolas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP**, v.97, p. 195-212, 2016.

VIEIRA, L. **Os argonautas da cidadania**: a sociedade civil na globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WOODWAR, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, 2000. Em: SILVA, T. Tadeu da.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidadania 24, 25, 27, 29, 32, 33, 86, 127, 144, 148, 149, 150, 151, 155, 164, 177, 189, 190, 192, 196

Clusters 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120

Comunicação 2, 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 54, 59, 67, 68, 69, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 95, 98, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 140, 142, 144, 146, 148, 149, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 166, 167, 168, 171, 173, 175, 177, 184, 186, 189, 190, 191, 194, 196, 198, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208

Consumo 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 105, 106, 109, 129, 144, 145, 150, 151, 152, 155, 196

Controle social 26, 31, 33, 88, 97

Cultura 25, 27, 34, 35, 41, 43, 55, 59, 61, 69, 74, 80, 91, 95, 98, 106, 108, 112, 123, 124, 144, 145, 146, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 166, 177, 182, 185, 186, 187, 188, 196, 207

D

Discurso 18, 52, 54, 60, 63, 65, 68, 70, 89, 93, 97, 98, 112, 113, 114, 115, 116, 125, 129, 144, 145, 146, 165, 178, 180, 187

Discurso da guerra 112, 115

Discursos circulantes 88, 93

E

Educomunicação 127, 144, 148, 149, 150, 153, 154

Energia elétrica 114, 145, 156, 157, 166, 167, 174

Era pós-massiva 67

Estratégia de guerra 114

Estratégias 17, 68, 75, 76, 84, 86, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 123, 125, 146, 159, 160, 162, 163, 165, 173, 178

Ética jornalística 7

F

Fake news 10, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 123, 124

Feminismo 57, 64, 66, 153

J

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 19, 24, 26, 29, 140, 144, 147, 148, 155, 189,

192, 194, 208

Jornalismo ambiental 144, 147, 148, 155

Jornalismo ético 11

L

Liberdade de expressão 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 60

Liberdade de imprensa 7, 10

Liberdade de informação 7

Linguagem 8, 14, 15, 16, 21, 23, 29, 30, 31, 60, 65, 116, 119, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 144, 153, 164, 169, 171, 183, 184, 187, 192

Linguagem radiofônica 129, 130

M

Marketing 68, 69, 74, 79, 92, 99, 100, 102, 104, 109, 110, 114, 115, 116, 133, 156, 157, 158, 159, 166, 173, 174, 175

Meios de comunicação 2, 12, 26, 67, 69, 88, 133, 146, 156

Mídias 2, 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 19, 69, 98, 122, 123, 124, 125, 127, 132, 133, 148, 156, 164, 165, 206

Mídias na escola 124

Mídias sociais 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 19, 69, 133, 156, 164, 165

Modernidade 26, 59, 66, 90, 144, 150, 151, 154

N

Notícia 4, 10, 11, 14, 18, 125, 145

Novas tecnologias 1, 3, 126

O

Odete Pacheco 134, 135, 138, 140, 141, 142, 143

Opinião pública 9, 12, 22, 88, 89, 147, 162

Orna 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 87

P

Packaging 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

Plataforma digital 30

Política 1, 2, 8, 9, 11, 33, 36, 38, 40, 41, 50, 57, 59, 66, 113, 114, 118, 123, 124, 127, 151, 153, 160, 162, 164, 180, 190, 191, 195

Pós-modernidade 26, 144, 150, 154

Pós-verdade 2, 14

Produção radiofônica 122, 131

Publicidade da Vivo 67

R

Rádio 4, 7, 29, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Rádio como ferramenta pedagógica 123

Redes sociais 7, 8, 9, 10, 12, 13, 16, 22, 32, 33, 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 69, 124, 126, 128, 146

Ressignificação 67

S

Semiótica 14, 15, 16, 20, 22, 23, 208

Sex and the city 75, 76, 79, 81, 85, 86

Socioambiental 144, 148, 149, 150, 154

Surdo 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188

T

Tecnologias da informação e comunicação 122, 123

U

UTI 198, 199, 202, 203, 206

W

Web-rádio escola 122, 123, 125, 128

Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 